

CONDIÇÕES DO  
TRABALHO NA  
COLHEITA DO

# CAFÉ



# CONDIÇÕES DO TRABALHO NA COLHEITA DO CAFÉ

O café é um arbusto nativo da África. A bebida fabricada com seu fruto ganhou popularidade inicialmente no mundo árabe, a partir do século 15. De lá o grão se expandiu para outras regiões do planeta, tornando-se um hábito de consumo também na Europa.

O café chegou ao Brasil em 1727, sendo inicialmente plantado no Pará. Mas o cultivo só ganharia maior importância décadas depois, quando as primeiras mudas chegaram à região Sudeste. No século 19, o Brasil tornou-se o principal polo produtor mundial e o grão virou o carro-chefe da economia nacional. Permaneceu como o principal produto de exportação até meados do século passado.

A fazendas de café foram um dos últimos espaços a empregar largamente mão de obra cativa trazida da África. Com o fim do tráfico negreiro e, posteriormente, a abolição da escravidão, os escravos negros nas lavouras foram paulatinamente sendo substituídos por imigrantes recém-chegados da Europa, do Japão e do Oriente Médio.

Hoje os trabalhadores do café são praticamente todos brasileiros. Podem ser migrantes internos, que partem de um estado a outro para a colheita do grão, mas também, mão de obra da própria região cafeicultora.

A despeito de o Brasil ser o maior produtor de cafés certificados do mundo, o setor ainda apresenta graves problemas trabalhistas, como os casos de trabalho escravo contemporâneo.





## PERFIL DO TRABALHADOR

Os cuidados com o café demandam mão de obra o ano inteiro para diferentes atividades como a preparação do solo, a adubação, a poda e o plantio de novos pés. Mas é na época da colheita, entre maio e setembro, que ocorre o maior influxo de trabalhadores para as fazendas cafejeiras.

No centro-sul de Minas Gerais, principal polo cafeeiro do país, milhares de migrantes participam da colheita. Eles vêm principalmente do norte de Minas e da Bahia. Entre maio e agosto, também há muitos moradores dos próprios municípios produtores que são arrematados para a atividade.

A “apanha do café” engloba homens e mulheres, desde jovens até pessoas próximas à idade de se aposentar. A escolaridade baixa, no entanto, é uma característica comum à grande maioria. O uso de máquinas na colheita já predomina em algumas regiões, mas a apanha manual persiste em áreas de terreno montanhoso, onde a mecanização permanece inviável.

## O QUE É TRABALHO ESCRAVO

O crime, definido pelo Artigo 149 do Código Penal, refere-se a graves infrações trabalhistas, que afrontam a dignidade humana. Qualquer um dos quatro elementos é suficiente para configurar a exploração de trabalho escravo:

**TRABALHO FORÇADO** Submissão à exploração, sem possibilidade de deixar o local por causa de dívidas ou de ameaças.

**JORNADA EXAUSTIVA** Expediente desgastante que vai além de horas extras e coloca em risco a integridade física do trabalhador.

**SERVIDÃO POR DÍVIDA** Fabricação de dívidas ilegais referentes a gastos com transporte, alimentação, aluguel e ferramentas de trabalho para “prender” o trabalhador ao local de trabalho.

**CONDIÇÕES DEGRADANTES** Elementos irregulares, que caracterizam a precariedade da situação do trabalhador, como alojamento e alimentação precária, maus tratos, ausência de saneamento básico e água potável.

## OS TRABALHADORES ESCRAVOS DO CAFÉ: O CASO DA NESTLÉ E STARBUCKS

Os trabalhadores safristas, aqueles que migram durante a colheita, são as principais vítimas do problema nas lavouras de café. E essa exploração também está ligada às maiores marcas mundiais do produto.

Em abril de 2019, a Nespresso, marca da Nestlé, suspendeu a compra de cafés da fazenda Cedro II, no Triângulo Mineiro. A propriedade foi incluída na “lista suja” do trabalho escravo, um cadastro do governo federal que elenca os empregadores que comprovadamente cometerem esse tipo de crime. Compradora do

mesmo produtor, a Starbucks, a maior rede de cafeterias do mundo, informou que iria investigar o episódio e, se confirmadas as violações, poderia suspender as relações comerciais.

Fiscais federais afirmaram ter encontrado na propriedade seis funcionários que chegavam a trabalhar das 6h às 23h. Dormiam em alojamentos sem higiene. O empregador afirmou que a autuação era improcedente. Ele era certificado pelos selos de qualidade da Nespresso e da Starbucks, votados à adoção de “padrões éticos e sustentáveis” no campo.



Essa não foi a primeira vez que auditores-fiscais do trabalho flagraram trabalho escravo em fazendas de café certificadas pela Starbucks. Em agosto de 2018, o mesmo cenário foi identificado na Fazenda Córrego das Almas, em Piumhi (MG). Ela mantinha 18 trabalhadores submetidos ao trabalho escravo.

Para saber mais sobre esse caso, acesse: [reporterbrasil.org.br/2019/04/nespresso-e-starbucks-compraram-caffe-de-fazenda-flagrada-com-trabalho-escravo/](http://reporterbrasil.org.br/2019/04/nespresso-e-starbucks-compraram-caffe-de-fazenda-flagrada-com-trabalho-escravo/)

## PAGAMENTO POR PRODUÇÃO

Na época da colheita, os trabalhadores recebem por produtividade – um valor fixo a ser pago por cada saca de café colhida. Esses valores variam bastante dependendo do tipo de café, da fazenda e da região. E mesmo numa única turma de apanhadores, os ganhos variam enormemente dependendo da condição física de cada um.

Veja alguns exemplos a seguir:



### OS VENCEDORES

Dependendo da fazenda, alguns chegam a receber mais do que dois salários mínimos por mês (cerca de R\$ 2,5 mil), mas às custas de muitas horas de trabalho extenuante.



### OS PERDEDORES

Especialmente para mulheres e idosos, o pagamento por produção pode ser cruel e não garantir nem metade dos ganhos dos trabalhadores “mais produtivos”. Há muitos casos em que se recebe menos do que o salário mínimo.



### AS FRAUDES

A medição da quantidade colhida ocorre nas fazendas, geralmente sem controle externo ou métodos para garantir a precisão dos cálculos. Sindicatos e trabalhadores denunciam casos onde a mão de obra é ludibriada, recebendo menos do que o preço combinado.

## INFORMALIDADE E APOSENTADORIA

Dados do IBGE indicam que mais da metade dos assalariados rurais brasileiros atuam na informalidade. E a situação na lavoura café não foge à regra. O governo federal calcula que 61% dos trabalhadores rurais não têm carteira assinada nos municípios do Sul de Minas, onde a cafeicultura é a principal atividade agrícola.

Além de não receberem benefícios como Fundo de Garantia, horas-extras e Auxílio Doença, os informais também enfrentam dificuldades extras na hora de se aposentar. Quando atingem 60 anos (homens) ou 55 anos (mulheres), precisam buscar a Justiça para comprovar o tempo de trabalho no campo. E, mesmo quando a decisão é favorável, os processos podem levar anos até a concessão da aposentadoria.



## AGROTÓXICOS

Em 2011, a Universidade Federal de Itajubá (MG) realizou uma pesquisa com 412 trabalhadores da cafeicultura em Minas Gerais e constatou que 59,2% deles já tinham se sentido mal durante ou após o trabalho, apresentando sintomas de intoxicação por agrotóxicos. Já em Manhuaçu (MG), exames laboratoriais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) identificaram três princípios ativos tóxicos utilizados na cafeicultura – atrazina, flutriafol e epoxiconazol – presentes na água que abastece a população, o que pode estar associada a casos de câncer.

## OS TRABALHADORES ESCRAVOS DO CAFÉ<sup>11</sup>

**718** trabalhadores resgatados entre 2011 e 2017.

Casos identificados em **39** fazendas.

Flagrantes em **Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, São Paulo e Paraná.**

## CAFÉ CERTIFICADO

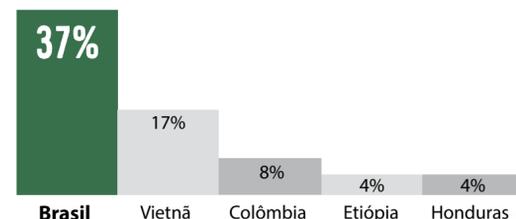
Cerca de 20% da produção mundial de café são hoje verificadas através de algum padrão voluntário de sustentabilidade.<sup>9</sup> E o Brasil também é o líder desse mercado. Saem das lavouras brasileiras cerca de 40% do café certificado pela Rainforest Alliance/UTZ, o maior selo de boas práticas mundial.<sup>10</sup>

A certificação procura garantir boas práticas sociais, ambientais e trabalhistas na produção do café que chega ao consumidor. Para isso, realiza auditorias nas fazendas visando verificar a realidade local.

Mesmo assim, uma série de desrespeitos à lei trabalhista já foi flagrada em fazendas certificadas. Há inclusive casos de trabalho escravo. Uma das causas é a baixa frequência das auditorias que vão checar a situação nas lavouras. Não raro elas ocorrem menos do que uma vez por ano.

# RAIO X DO CAFÉ BRASILEIRO

## MAIORES PRODUTORES DE CAFÉ<sup>1</sup>



o equivalente a 62,5 milhões de sacas de 60kg

## PERFIL FUNDIÁRIO<sup>8</sup>



## EMPREGOS

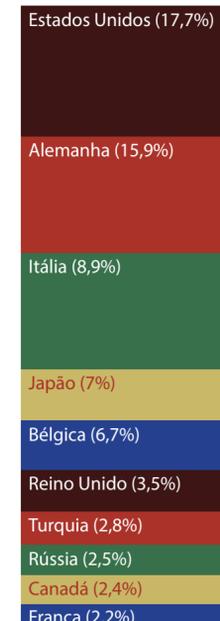
Por conta da grande quantidade de informais e de contratações temporárias por safra, é difícil saber o total nacional de trabalhadores no setor. A Fundação Procafé e o Anuário Estatístico do Café consideram que, **somente nas lavouras de Minas Gerais, a cafeicultura gera 300 mil empregos diretos.**

## EXPORTAÇÃO

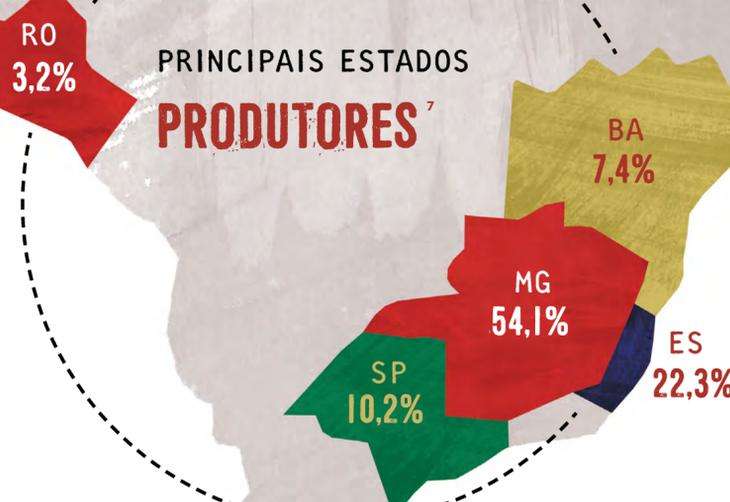
VALOR DAS EXPORTAÇÕES

**US\$ 5 BILHÕES<sup>2</sup>**  
(equivalente a 4,9% das exportações do agronegócio)<sup>3</sup>

## PRINCIPAIS COMPRADORES<sup>4</sup>



## PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES<sup>7</sup>



## ÁREA OCUPADA POR LAVOURAS DE CAFÉ<sup>5</sup>

2,2 milhões de hectares ou **0,25%** do território nacional, equivalente ao estado de Sergipe.

## CONSUMO INTERNO<sup>6</sup>

**21** milhões de sacas

**40%** do total produzido

O Brasil é o segundo maior consumidor de café no mundo (13% da demanda global), logo atrás dos Estados Unidos.

Para saber mais informações sobre a cadeia produtiva do café, acesse: [www.reporterbrasil.org.br/cafe/](http://www.reporterbrasil.org.br/cafe/)

## O CAMINHO DO GRÃO



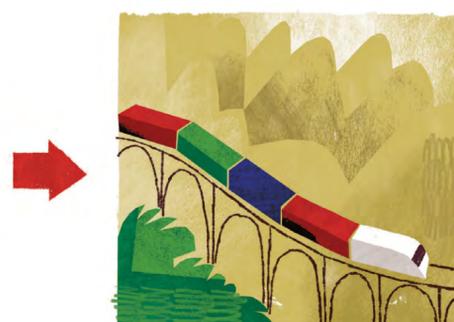
**Fazenda**  
Após a colheita, os grãos passam por um processo de secagem, limpeza e separação. Depois disso são ensacados. Cada saco tem normalmente 60kg.



**Cooperativa/Armazém**  
De caminhão, os sacos são levados até cooperativas ou armazéns, onde podem ficar estocados por meses esperando o melhor momento de comercialização.



**Trading exportadora**  
Ela adquire o café em nome de clientes no exterior e são responsáveis pelo embarque portuário do produto.



**Importador**  
Ao receber a carga em seus países, encarrega-se de distribuí-la no mercado interno.



**Indústria**  
Torrefadores locais beneficiam o grão para produzir café moído pronto para o consumo.



**Supermercado**  
Os consumidores têm acesso a diferentes marcas e tipos de café – moído, em grãos, em cápsulas etc.

O café foi o principal produto exportado pelo Brasil durante o século 19 e o início do século passado. Mesmo com o crescimento das outras culturas agrícolas nas últimas décadas, ele permanece como um dos mais lucrativos segmentos do agronegócio.

Ainda hoje, sai das lavouras brasileiras a maior parte do café consumido no mundo. Mas as condições de trabalho – que incluem casos de trabalho escravo contemporâneo – estão longe do ideal.

Este fascículo traz um panorama sobre a cadeia produtiva do café plantado em terras brasileiras e da realidade da mão de obra que produz o grão nas fazendas.



#### Referências dos dados desta publicação

As referências têm como o ano base o de 2018.

- 1 <https://www.cecafe.com.br/dados-estatisticos/producao-mundial/>
- 2 <http://abic.com.br/src/uploads/2019/01/2019.06.SumarioCafe.pdf>
- 3 <http://www.agricultura.gov.br/noticias/exportacoes-do-agro-em-alta-de-quase-6-ultrapassam-us-100-bi>
- 4 <https://www.cecafe.com.br/dados-estatisticos/exportacoes-brasileiras/>
- 5 [http://www.sapc.embrapa.br/arquivos/consorcio/levantamento/conab\\_safr2019\\_n2.pdf](http://www.sapc.embrapa.br/arquivos/consorcio/levantamento/conab_safr2019_n2.pdf)
- 6 <https://www.cecafe.com.br/dados-estatisticos/exportacoes-brasileiras/>
- 7 <http://abic.com.br/src/uploads/2019/01/2019.06.SumarioCafe.pdf>
- 8 <https://www.cnabrazil.org.br/assets/arquivos/pesquisas/An%C3%A1lise-da-Pesquisa-Safra-Cafeeira-2018-CAPA.pdf>
- 9 [https://utz.org/?attachment\\_id=4331](https://utz.org/?attachment_id=4331)
- 10 [https://utz.org/wp-content/uploads/2019/06/Coffee-Annual-Report-2018\\_UTZ-program\\_EXTERNAL.pdf](https://utz.org/wp-content/uploads/2019/06/Coffee-Annual-Report-2018_UTZ-program_EXTERNAL.pdf)
- 11 Divisão de Fiscalização para Erradicação do Trabalho Escravo do Ministério da Economia

#### As condições do trabalho na colheita do café

**Concepção** Equipe Escravo, nem pensar! Natália Suzuki (coordenadora), Thiago Casteli (assessor de projeto), Rodrigo Teruel (assistente de projeto)

**Pesquisa e texto** André Campos

**Edição** Natália Suzuki

**Projeto gráfico** Rômulo D'Hipólito

**Foto** Maurilo Clareto Costa

**Tiragem** 2 mil cópias - distribuição gratuita - agosto de 2019

Todo conteúdo da Repórter Brasil pode ser copiado e distribuído, sem qualquer tipo de alteração e apenas para fins não comerciais, desde que citada a fonte Copyleft – Licença Creative Commons 4.0

[www.escravonempensar.org.br](http://www.escravonempensar.org.br) | [www.reporterbrasil.org.br](http://www.reporterbrasil.org.br)

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Repórter Brasil

Condições do trabalho na colheita do café / Natália Suzuki (org.); Equipe 'Escravo, nem pensar'. – São Paulo, 2019.

7 p.: 20 x 21 il.

ISBN 978-85-61252-38-0

1. Trabalho. 2. Cadeia produtiva. 3. Café. 4. Infrações trabalhistas. 5. Trabalho escravo.

I. Título.

#### Realização



#### Apoio

